

REAL E IMAGINÁRIO NO BRINCAR⁸²

Maria Angélica Augusto de Mello Pisetta⁸³

Larissa Silva da Conceição⁸⁴

Resumo

Propomos suscitar uma reflexão acerca da infância em seus processos intrínsecos, como o brincar, o fantasiar e o estabelecimento da linguagem enquanto possibilitadores da experiência de aprendizagem necessária à emergência do sujeito. Ressaltaremos a importância do brincar como processo de constituição psíquica e pertencimento ao mundo a partir da análise de conceitos psicanalíticos, especialmente daqueles desenvolvidos por Winnicott, Lacan e Levin. Analisaremos o brincar na atualidade, onde se desvela a utilização excessiva da imagem midiática já na primeira infância, num predomínio do imaginário e do consumismo, onde o brinquedo perde sua função de articulação da fantasia e passa a ser objeto de consumo e posse.

Palavras-chave: Brincar. Linguagem. Infância. Psicanálise. Educação.

REAL AND IMAGINARY IN PLAYING

Abstract

We propose to raise a reflection about childhood in its intrinsic processes, such as playing, fantasizing and establishing language, as the facilitators of the learning experience necessary for the emergence of the subject. We will emphasize the importance of playing as a process of psychic constitution and belonging to the world from the analysis of psychoanalytic concepts, especially those developed by Winnicott, Lacan and Levin. We will also analyze today's play, which reveals the excessive use of the media image in early childhood, a predominance of imagery and consumerism, where the toy loses its function of articulation of fantasy and becomes the object of consumption and possession.

Key-words: Play. Language. Childhood. Psychoanalysis. Education.

⁸² O artigo representa resultados de pesquisa científica intitulada **Inconsciente e linguagem: os discursos na escola**, coordenada pela primeira autora, tendo a segunda autora realizado estágio de iniciação científica, com bolsa CAPES, no desenvolvimento da mesma. Agradecemos a CAPES pelo financiamento.

⁸³ Psicanalista, doutora em Psicologia e especialista em Psicologia clínico-institucional, professora adjunta de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação e da pós-graduação em Educação da UFF, pesquisadora associada do OIIIPE e pesquisadora colaboradora do NIPIAC. Atua na pesquisa e extensão no campo da inclusão do aluno autista, realiza pesquisas sobre o brincar e a subjetividade na contemporaneidade, além de psicopatologia infantil. E-mail: angelicapisetta@gmail.com

⁸⁴ Licenciada em História pela Universidade Saberes, graduanda em Psicologia pela UFF, bolsista de iniciação científica da UFF atuando no projeto **Inconsciente e linguagem: os discursos na escola**. E-mail: larysilva.0@gmail.com.

REAL E IMAGINÁRIO NO BRINCAR

Durante a aula, obrigado a estar imóvel e sem nenhuma responsabilidade, qualquer desejo tinha como base o repouso (Clarice Lispector, 2009, p. 107).

Lacan (2005) enfatizou como a imagem pode ser captura narcísica e modo privilegiado de estruturação das subjetividades ao espírito de um tempo histórico, maximizado pelo culto aos ideais imaginários no laço social. Assim, o autor, retomando a importância da observação do estádio do espelho, que debateu longamente em textos anteriores, salienta que a imagemespecular é um tempo inicial e fundamental do imaginário, dando-lhe sustentação. Assim, no estádio do espelho,

A criança se volta para aquele que a segura e que está atrás dela (...) diremos que, através desse movimento de virada da cabeça, que se volta para o adulto, como que para invocar seu assentimento, e depois retorna à imagem; ela parece pedir a quem a carrega, e que representa aqui o grande Outro, que ratifique o valor dessa imagem (Lacan, 2005, p.41).

Cabe esclarecer que Lacan aqui retoma seu comentário à observação que Wallon descreveu em 1953, em *As origens do caráter da criança*, do surgimento da percepção da imagem especular no bebê e seus desdobramentos, no período correspondente ao final do primeiro ano até os dezoito meses, aproximadamente.

Aqui, o autor reafirma a relação de dependência do imaginário - com o qual a criança no espelho se mede - a um Outro que lhe assegura um lugar e uma imagem, sempre renovados pela cultura. É nesse contexto que o grande Outro desponta como garantia da subjetividade e referência para a separação (Leforty, 2017).

Assim, o grande Outro é o termo lacaniano para designar o campo da linguagem, tesouro dos significantes, campo das metáforas que promovem alienações e propõem subjetividades. Conforme o próprio autor (1985, p. 194), o

[...] Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem de aparecer.

Não se trata, nesse momento lógico e estruturante da subjetividade da criança em suas relações à sua imagem e aos seus semelhantes, apenas de maturação biológica de uma pretensa engenharia de comportamentos pessoais e sociais, mas sobretudo de uma leitura incipiente de si a partir de sua relação com um Outro histórico, social e filogenético. Essa submissão a um Outro contemporâneo imerso no imaginário é, como entendemos, uma contingência lógica de nossos tempos, como procuraremos discutir nessa ocasião.

Nos interessamos aqui pelos desdobramentos das condições atuais em torno da infância, especialmente demarcadas pelo predomínio do imaginário do virtual no campo do brincar. Como esse imaginário potencializado do Outro se articula à experiência do real e à submissão aos significantes, enodamento próprio das relações constitutivas do sujeito? Poderíamos pensar num tamponamento do objeto causa do desejo, real em sua manifestação, quando há predomínio do imaginário na cultura e na suposição dos sujeitos pelos seus Outros habituais? Como isso se mostraria na subjetividade nascente de uma criança? Qual o lugar da infância nesse desenho?

Brincar e aprender

Pirulito que bate, bate
Pirulito que já bateu,
Quem gosta de mim é ela,
Quem gosta dela sou eu
(Domínio público)

Questionar o processo educativo de maneira profunda é analisar a vida da criança desde sua gênese, onde se inicia o processo de experimentação do mundo. Neste sentido, as experiências infantis podem ser a priori espontâneas? De que espontaneidade se trata quando salientamos a urgência de um enodamento que articule as facetas com as quais ela tem de lidar já num momento tão tenro quanto é a primeira infância?

Na perspectiva em que estamos orientando nossa análise, vinculamos educação às questões sociais e históricas da linguagem e da cultura (Pisetta, 2015).

Portanto, refletir acerca da infância no mundo contemporâneo é também se colocar diante da historicidade deste processo e todos os seus atravessamentos até o momento atual. Entendemos que esse *desenvolvimento* se dá a partir do processo de experimentação do mundo, no contato inicial que as crianças estabelecem com as coisas e as pessoas a partir do brincar.

Levin (2007), nos propõe esta análise a medida que contextualiza o universo da infância atual à predominância da realidade virtual enquanto um risco para o desenvolvimento do brincar nesta fase da vida. Argumenta o autor, em sua obra “Rumo a uma infância virtual? A imagem corporal sem corpo” (2006), que o progresso tecnológico aliado ao consumismo oriundo do capitalismo desenfreado anda a produzir uma nova realidade para as crianças e sua sociedade que interfere diretamente no brincar como processo orientador da infância e da articulação simbólica ao mundo. Do mesmo modo, a apresentação da imagem como fundamento e fim do brincar, no imaginário social, estaria roubando a experiência do corpo, tão importante e fundamental para cada um de nós, no estabelecimento de um estranho corpo, muito mais imagem do que sensação. Como questiona o autor: “é possível pensar e sentir somente por imagens?”. O mesmo acrescenta que, hoje,

[...] o fascínio e a sedução exercidos pela imagem estão em posição central. Quando a realidade técnica da imagem atinge essa perfeição que tanto cativa e fascina as crianças, qual é a fronteira entre o real e o simulado, entre presença e ilusão, entre realidade e aparência? (Idem, p. 11).

É preciso indagar sobre o brincar, sua função e seu lugar na estruturação do sujeito e da cultura e, para isso, retomaremos Winnicott (1975). O autor nos propõe a teoria do brincar como um fazer, ou seja, uma ação no espaço que pressupõe interação, concentração, confiança e compartilhamento. É, portanto, no brincar que a criança se desloca da posição de objeto do outro para se tornar sujeito da sua própria brincadeira. Será imersa nesta configuração que, gradativamente, a criança vai estabelecendo suficiente confiança para se separar do grande Outro materno e colocar-se no mundo plenamente enquanto sujeito.

Do mesmo modo, para o autor, o brincar é fundamental para operar a primeira separação, uma vez que, rompendo com a onipotência que vinculou, inicialmente, a criança à sua mãe ou ao seu cuidador, a criança passará a buscar externamente uma “provisão ambiental suficientemente boa” (Idem, p. 102); ou seja, um pertencimento ao Outro da cultura, onde a criança possa encontrar os elementos para a sua sobrevivência psíquica. Assim, ela poderá passar a demandar apoio, na firme convicção inconsciente de que há um Outro que a reconheça, para quem ela lança seu olhar no estádio do espelho.

A teoria do brincar do autor enumera etapas lógicas, que se pretendem elucidativas quanto ao processo de constituição do brincar enquanto construção da criança, na sua relação com o Outro. Num primeiro momento, ainda na primeira fase de bebê, a fusão com o Outro que lhe dá sustentação e promove as primeiras experiências, onde caberia à mãe estar disponível o suficiente. Essa disponibilidade pode suscitar a segurança necessária ao movimento da criança de perceber o objeto como algo separado de si mesma. Em seguida entra em jogo a estruturação do espaço potencial a partir da alternância da presença materna, atrelada à relação de confiança que começa a se estabelecer.

Ademais, com a confiança estabelecida, inicia-se o processo de separação, a criança já se permite brincar sozinha, no entanto, solicita a disponibilidade daquele que cuida de si e a protege, e é demandado desse lugar. A última fase já supõe um brincar autônomo, que permite um jogo com os objetos empregados no cenário lúdico, ao mesmo tempo em que a capacidade criativa alcança sua liberdade.

Como podemos perceber, Winnicott é o primeiro a salientar que, para além da análise de um conteúdo da brincadeira como fonte de conhecimento acerca da subjetividade da criança e até de suas relações interpessoais, a análise da atividade do brincar, desde os primórdios de uma relação onde o bebê é o objeto de sua mãe ou cuidador, promove o entendimento de que esta atividade se constitui como medida de subjetivação, articulando-se aos objetos a partir do Outro. Aqui, também, a experiência com o corpo se torna própria e pode ganhar esse contorno a partir do olhar da mãe.

Dito isso, importa não somente ressaltar que as crianças, hoje, estão inseridas no universo midiático desde o seu nascimento. Não é o caso de negar a relevância e importância da tecnologia existente, mas perceber onde ela interfere de maneira problemática no terreno da infância, questionando seus impactos. Assim como também é preciso entender quais são os interesses que estão por trás desta produção desenfreada de artigos tecnológicos na forma de brinquedos, salientando o discurso inconsciente que rege estas relações, de modo a promover ao máximo a separação necessária ao surgimento do sujeito criança, seja na escola, na clínica, na emergência do discurso do analista.

Discurso e demanda: a infância em risco?

Levin (2007), analisando as relações discursivas atuantes no forte predomínio do imaginário virtual na contemporaneidade, apresenta-nos a história da representação da infância, desde a Idade Média, quando não existia um lugar social bem delimitado para as crianças e com expectativas e demandas especificamente dirigidas a elas. Essa situação começa a mudar concomitantemente à constituição de um conhecimento especializado sobre a infância e o lugar que ela ocupa na sociedade, com o advento do discurso universitário. Este saber se delineia ao passo que a produção industrial se desenvolve e a criança passa ocupar o lugar central na família.

Lacan (1992) enfatiza o quanto o saber artesanal é expropriado de seu lugar com o advento do discurso universitário, que tende a reduzir o sujeito a um produto a ser consumido. Podemos bem observar essas condições na cena contemporânea, em que a criança está siderada diante de um brinquedo que gira, acende, fala e até lhe dá ordens.

Este saber que constitui e orienta a produção industrial de brinquedos infantis, pretende alcançar, neste momento de emergência, um tipo ideal de brinquedo para cada etapa da vida da criança. A grande virada na produção dos brinquedos se dá com o advento do plástico, fazendo com que a produção seja mais rápida e mais barata, menos afinada ao artesanal e muito mais afeita ao capitalismo

crecente. Concomitante a essa situação ocorre o impulsionamento ao consumo, fartamente mediado pelo discurso de marketing e dos recursos audiovisuais.

Levin (2007), desenvolve sua explanação a partir do entrelaçamento dessas condições, de maneira a demonstrar quando a produção industrial dos brinquedos infantis deixa de buscar um ideal de brinquedo destinado à fase de desenvolvimento das crianças, e passa a ter como referência o consumo, desenhando a predominância do discurso do capitalista sobre o discurso universitário. Tudo diz respeito ao consumo, serve a essa pressão, inconsciente em larga escala e altamente atuante no universo infantil. Assim, o parâmetro para a produção industrial dos brinquedos deixa de ser o desejo *das crianças* e passa a ser *o consumo*. Isso fica mais evidente na utilização dos recursos de marketing atrelados às tecnologias midiáticas.

Neste momento, o investimento nas “melhorias” dos brinquedos se faz com o intuito de incitar nas crianças o desejo de possuí-los e não de utilizá-los como artifícios lúdicos que dão consistência à fantasia do brincar. A brincadeira perde lugar para o consumo, tornando o sujeito mero objeto do Outro cultural que tem no consumo e na propriedade dos objetos um imperativo. É exatamente neste ponto que, percebendo a importância do brincar para que a criança emergja como sujeito, encontramos a problemática relacionando à indústria, ao desenvolvimento e à infância.

Todo este processo nos mostra, pois, a maneira pela qual outros interesses estão em jogo, atuantes no discurso, definido por Lacan como um modo de domínio social e subjetivo, furtando a experiência potencial da infância, ou, em menor escala, estabelecendo condições para uma minimização dessa experiência. A invasão da imagem virtual no mundo infantil, acrescida a este contexto, abriu a possibilidade da criação de um universo digital, permeado por narrativas prontas e fugidias, como é o caso dos desenhos animados, dos vídeo-games, dos jogos digitais, tais que contribuem ainda mais para o fracasso da experiência ativa do brincar. Que criança eles demandam? Como ela experimenta o corpo, o real, as sensações e as resistências próprias da subjetivação?

Ao brincar a criança é, ela mesma, sujeito da criação, criando, recriando, invertendo as experimentações do tempo, do real e do imaginativo (LEVIN, 2007, p. 13). No espaço virtual o brincar deixa de ser uma vivência de criação e inventividade e

passa para o campo da artificialidade. Perdem-se as memórias criativas ou, às vezes, nem se criam em função da passividade e do imediatismo. O brincar, de acordo com Winnicott (1975), opera a inserção da criança no terreno do simbólico, visto que instrumentaliza a criança em suas primeiras experiências na relação com o Outro que lhe deu inicialmente sustentação. Esse processo, descrito por Lacan na constituição do sujeito como alienação constitutiva, é fundamental e fundante, pois é a partir da fratura da sensação de onipotência, de unidade mãe-criança, que vai emergir a falta. Para o autor o campo próprio desta constituição é o campo da linguagem, que estrutura toda a relação possível da criança com seu outro primordial (a mãe ou cuidador, que aqui encarna o grande Outro da linguagem).

Quando a criança perde a sensação de onipotência, gera-se a possibilidade de inscrição da falta na existência deste que, agora, pode ser pensado como sujeito. Será a partir da experiência de frustração que o mundo externo poderá se encarregar de suprir a falta, imaginariamente, de modo a tornar esse sujeito completo idealmente. Contudo, este complemento será sempre precário, com um fundo de falta que permite a fantasia infantil. Pela alienação, nos diz Lacan, a função da linguagem no advento do humano é central e este não pode ser pensado como existência fora dela:

A dialética do advento do sujeito a seu próprio ser em relação ao Outro [se dá] – pelo fato de que o sujeito depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro (1984, p. 195).

Ante essa dependência do Outro, a partir da qual o sujeito se constitui, passamos ao real da afânise (LACAN, 1984, p. 195) encontrada pelo sujeito na experiência da falta. Com o que a criança pode responder? Sua resposta particular, auxiliada por sua fantasia no brincar, vai estruturando seu processo de separação. Como vemos, e como bem salientou Winnicott, esse processo é um fazer que perlabora um lugar e um pertencimento, sem o risco subjetivo de perda de si mesmo (Pisetta, 2017).

Um fator importante que compõe esse momento, e pode ou não envolver a utilização de objetos, é denominado por Winnicot (1975) de fenômenos transicionais. O autor descreveu a instalação de um período inicial em que o bebê muito novo ainda experimenta uma tranquilização na ausência da mãe através do uso de um objeto (como um travesseiro, uma manta, uma fralda, etc) que lhe é colocado sobre o rosto ou sentido por alguma outra parte da pele, de modo a torná-lo um objeto intermediário, de transição, entre a presença da mãe e sua ausência. Mais tarde essa função desaparece e dá lugar ao uso dos objetos como brinquedos, numa clara demonstração de que a separação da relação de onipotência inicial está se concretizando.

Os objetos transicionais auxiliarão as crianças que estão iniciando o momento da separação, aquelas que se deparam com a ausência da mãe e, conseqüentemente, com a inscrição da falta, na medida em que vão mediar o espaço entre o real e a fantasia. Em outras palavras, os objetos transicionais serão intermediários entre a experiência de onipotência e o real, numa composição da ilusão e da fantasia.

Essa passagem auxilia no fomento da manipulação efetiva dos objetos. Para Winnicot (1975) trata-se de uma jornada do puramente subjetivo para o objetivo. De alguma maneira, pode parecer que se trata de algo exterior ou interior, mas trata-se de uma área intermediária de experimentação que delinea uma borda entre interno e externo. E, de fato, é momento de transição, pois quando a criança supera este momento os objetos transicionais tornam-se difusos e estendem-se ao mundo e à cultura.

Além disso, o brincar, este “brincar em si”, sugere uma ligação intrínseca à criatividade. Assim, notamos que o brincar que oferece terreno fértil para a liberdade de criação, eleva a criatividade ao ápice de sua possibilidade. O autor acrescenta, ainda, que um estado saudável está intrinsecamente vinculado ao viver criativo e esta é a própria possibilidade de constituição do *self*.

A liberdade da criação, assim como no brincar, é algo que não se estabelece a partir de uma organização a priori, pelo contrário as coisas vão se delineando a medida que são colocadas em cena na própria brincadeira. Assim, o significante (a linguagem),

o corpo, o objeto, o outro, a fantasia, a imagem, são enlaçados na experiência viva da criança.

Levamos em consideração a importância do brincar enquanto um elemento próprio à infância e ao desenvolvimento do sujeito e todos os atravessamentos que se supõem desenvolver a partir deste “brincar em si”. Avaliamos que, quando se coloca em jogo a indústria do consumo direcionando-se às crianças, estamos colocando em risco a experiência potencial da infância enquanto constitutiva do sujeito. Corremos o risco de, assim, estabelecer para a criança um lugar alienado em relação ao seu desejo e aos seus objetos, lugar esse incutido pelos discursos de marketing. Nestes, em particular, a falta está sempre elidida, uma vez que toda falta potencial é sempre suprida pelo consumo, até mesmo antecipadamente.

Para além dos riscos do consumo, inseridos nessa lógica imagética, cabe indagarmos sobre a capacidade das crianças experienciarem a criatividade, já que os objetos já prontos propõem uma diminuição do espaço potencial para elas. Esse mundo que, segundo Levin (2007), banaliza a violência, o sofrimento, o perigo, o horror na forma de jogos e/ou desenhos. Deste modo, sustentar o espaço criativo do brincar na infância, tanto na escola quanto no cotidiano da criança, representa uma resistência política ante os discursos capitalistas atuais que coisificam o sujeito e a experiência do brincar.

Referências

- LACAN, J. **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed. 2005.
- LACAN, J. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, 1969-1970**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar (1992).
- LEFORT, R.. **A distinção do autismo**. Tradução de Ana Lydia Santiago e Cristina Vidigal. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.
- LEVIN, E. **Rumo a uma infância virtual?: a imagem corporal sem corpo**. Tradução de Ricardo Rosenbusch, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LISPECTOR, C.. Começos de uma fortuna. In: **Laços de família**. Contos. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- PISETTA, M. A. A. M. Linguagem e cotidiano escolar: contribuições da Psicanálise. In: L. Lehmann, & I. G. Coutinho (Org.). **Psicologia e educação: interfaces**. Niterói, RJ: Eduff, 2015. (pp. 111-122).

PISETTA, M. A. A. M. Sujeito, objeto e linguagem no brincar. **Revista Estilos da Clínica**. Vol. 22, n. 01, 2017.

WALLON, H. As origens do caráter na criança. In: **Opção lacaniana**, n. 36, maio de 2003, pp. 47-57 (2008).

WINICOTT, D. W. (1975). **O brincar e a realidade**. São Paulo, SP: Coleção Psicologia Psicanalítica. (Trabalho original publicado em 1971).

Data de envio: 13 de setembro de 2017

Data de aceite: 15 de maio de 2018.